

O DISCURSO POÉTICO DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO SOB UMA PERSPECTIVA SEMIOLÓGICO-ENUNCIATIVA

José Temístocles Ferreira Júnior¹

RESUMO

Analisar relações semiológicas e enunciativas criadas no texto literário pode servir como um ponto de partida para compreensão de aspectos mais amplos da linguagem. A densidade semântica característica do discurso poético só é alcançada a partir de alguns procedimentos formais adotados pelo autor do texto para apresentar o seu universo de experiência, fazer aflorar sentidos e despertar no leitor diferentes reações. Os apontamentos feitos por Benveniste sobre o discurso poético estão presentes, sobretudo, no Dossiê Baudelaire (DB), composto por 367 notas manuscritas a respeito de poemas de Charles Baudelaire em “As Flores do Mal”. O DB consta em Laplantine(2008) e na publicação póstuma “Baudelaire” (BENVENISTE, 2011), organizada por Laplantine. O DB pode fornecer subsídios para compreensão do raciocínio iniciado por Benveniste para uma abordagem da poética no discurso, aliado a reflexões já desenvolvidas pelo linguista em outras obras (1988, 1989 e 2014). De acordo com Benveniste (2011), ao estudar o discurso poético, devemos procurar descrever o universo de experiência do autor e analisar de que maneira e por quais procedimentos formais as palavras se relacionam com esse universo de experiência. Assim, partindo desses dois direcionamentos programáticos propostos por Benveniste no DB, iremos buscar abordar a linguagem poética em João Cabral de Melo Neto. As análises mostram que é possível verificar que a linguagem icônica, a ambivalência

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: josetemistocles@yahoo.com.br

do signo e o estabelecimento de correspondências constituem importantes recursos semiológicos para apreensão do universo de experiência do autor.

Palavras-chave: Discurso poético, Semiologia da língua, Enunciação.

INTRODUÇÃO

O discurso poético traz à tona numerosos aspectos da natureza multiforme e heteróclita da linguagem, dando abertura para realização de variadas pesquisas. No âmbito dos estudos linguístico, no entanto, a significância poética ainda se apresenta como uma seara a ser explorada, justamente por estar assentada em um terreno tão fértil quanto pantanoso. Benveniste (1989) afirma que a linguagem poética tem suas próprias leis e funções. Mesmo reconhecendo isso, destaca que o estudo da linguagem ordinária poderá ser proveitoso para a compreensão da linguagem poética também. Ora, sob outra perspectiva, diríamos ainda que o estudo do discurso poético também pode ser útil para a compreensão de outras facetas da linguagem e do que está em jogo no seu espectro semiológico, capaz de pôr à mostra diferentes camadas de suas propriedades significantes. A poética que caracteriza o texto literário é um efeito decorrente de uma gama de recursos semiológicos mobilizados para dar vazão à significação.

Os apontamentos feitos por Benveniste sobre o discurso poético estão presentes, sobretudo, no Dossiê Baudelaire (DB), sobre o qual falaremos mais adiante. O DB consta em Laplantine (2008) e na publicação póstuma “Baudelaire” (BENVENISTE, 2011), organizada por Laplantine. Embora haja uma importante problemática relacionada a esta última publicação, já discutida por Fenoglio (2019), decorrente do caráter de inacabamento das notas manuscritas, o DB pode fornecer subsídios para compreensão do raciocínio iniciado por Benveniste para uma abordagem da poética no discurso, aliado a reflexões já desenvolvidas pelo linguista em outras obras (sobretudo, 1989 e 2014).

Não há um modelo de análise semiológica ou enunciativa do discurso poético ou mesmo um itinerário claro para realização de incursões sob nesse escopo. Isso nos leva a buscar formular princípios para abordagem das especificidades dessa significância. No exame da poética de Baudelaire, Benveniste procura apontar alguns recursos capazes de indicar essas especificidades, e destaca: “Estudamos ao mesmo tempo uma poesia e um poeta. Dois planos distintos. A poesia é a de um homem particular: ele enuncia suas emoções, suas obsessões, os grandes esquemas orientadores de sua sensibilidade.” (envelope 14, fl. 03 *apud* LAPLANTINE, 2008, fólio 82 – destaque de Benveniste).

Logo, para abordar a poética no discurso, é preciso considerar os dois planos em que se sustenta sua significância: a poesia e o poeta. Além disso, de acordo com Benveniste (2011), ao estudar o discurso poético, devemos procurar descrever o universo de experiência do autor e analisar de que maneira e

por quais procedimentos formais as palavras se relacionam com esse universo de experiência. Naturalmente, isso não equivale a dizer que para apreender o universo de experiência do poeta é preciso recorrer a um biografismo ou contrapor o conteúdo da obra aos eventos da vida pessoal do autor. Na verdade, para Benveniste, a noção de experiência, explorada no texto “A linguagem e a experiência humana” (1989, p. 68), está ligada à linguagem e aos atos em que se realiza por meio de diferentes categorias de expressão, como as de pessoa e tempo, abordadas no referido artigo. Tais categorias tornam possível a constituição e a expressão da experiência subjetiva dos locutores. Nesse sentido, a poética discursiva também representa uma categoria a partir da qual é possível situar e abordar o universo de experiência do poeta.

Assim, partindo de alguns direcionamentos programáticos propostos por Benveniste no DB, iremos buscar abordar o discurso poético de João Cabral de Melo Neto em dois poemas presentes na obra “A educação pela pedra” (2008 [1966]). Como o próprio título do nosso artigo sugere, a reflexão aqui apresentada constitui mais uma busca por princípios para abordagem da significação no discurso poético do que uma exposição elaborada com análises robustas e teorizações acabadas. Trata-se, na verdade, de uma discussão, a título de ensaio, voltada à compreensão da poética no discurso.

METODOLOGIA

A necessidade de investigação sobre a organização e o funcionamento do discurso poético está posta desde algum tempo na agenda da Linguística. Fiorin (2008) destaca que até os anos 60 a abordagem da relação entre Linguística e Literatura oscilou entre a negação da necessidade de ligação entre os dois campos e o reconhecimento de certa vinculação, principalmente no que diz respeito ao estudo dos textos e a Estilística. No fim dos anos 70 e com o avanço da perspectiva gerativa de estudos da linguagem, houve uma ruptura entre Linguística e Literatura, posta em suspensão justamente pelos estudos discursivos e enunciativos. Reconhecidamente, a abordagem dos sentidos no texto literário a partir de uma perspectiva linguística coloca em evidência a necessidade de adoção de pontos de vista específicos para formulação de princípios e delimitação de novas categorias de análise sob pena de reducionismos decorrentes de mera transposição de modelos analíticos.

Se, por um lado, há desafios teórico-epistemológicos e analíticos para essa empreitada, por outro, grandes descobertas e muitos avanços científicos só foram possíveis pela abordagem de fenômenos ou questões a partir da adoção de um ponto de vista diferente ou pelo enfrentamento de temáticas

marginalizadas. Por isso mesmo, é preciso abordar a poética e a literatura justamente por comportarem formas perturbadoras de significância não apreensíveis a partir de categorias formais dadas previamente. O desafio é formular princípios e forjar procedimentos que norteiem a pesquisa para que esta não siga à deriva.

Embora com muitas aberturas para o desenvolvimento de investigações mais acuradas, os estudos benvenistianos (1989 e 2014) sobre a semiologia da língua nos permitem pensar alguns princípios para abordagem dos diferentes sistemas semiológicos em que se realiza a faculdade simbólica da linguagem e a relação entre a língua e outros sistemas semiológicos.

Em “Semiologia da língua” (1989), Benveniste resalta o lugar de destaque ocupado pela língua em função de ser um sistema semiótico capaz de interpretar todos os outros sistemas e, ao mesmo tempo, por se apresentar como o único sistema em que a significação se articula em duas dimensões: no plano semiótico e no plano semântico. Além disso, a natureza da língua, suas propriedades e funções fazem dela a grande matriz semiótica, com potencial de interpretância e modelagem de todos os outros sistemas semiológicos. Após propor e examinar diferentes tipos de relação entre sistemas semiológicos, Benveniste (1989) formula dois princípios gerais para abordagem da significância: a) o da não redundância entre sistemas semiológicos, decorrente da impossibilidade de os sistemas semióticos significarem da mesma forma; b) o princípio da não transsystematicidade do signo, justamente pelo caráter relacional e opositivo do valor do signo, determinado pelas relações estabelecidas no sistema que integra.

Na conclusão do referido artigo, ao destacar o bloqueio que a noção saussuriana de signo como princípio único representava para o exame da semiologia da língua, Benveniste (1989, p. 67) afirma que a ultrapassagem dessa abordagem será feita por duas vias: “- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão da significância, a do discurso (...); - na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se constituirá sobre a semântica da enunciação.”. A ultrapassagem da abordagem formalista não significa a ruptura com essa perspectiva ou o descarte da noção de signo linguístico formulada por Saussure (2004). Na verdade, em qualquer das vias, a noção de signo está pressuposta, mas não funciona como princípio único para abordagem da significação. O reconhecimento do plano semântico da língua, implicado na sua realidade como discurso, faz com que a significação funcione em outra dimensão e não seja tomada apenas no plano semiótico, no qual o signo se apresenta como uma unidade com força operatória. Além disso, a análise translinguística de textos e obras amplia consideravelmente o

escopo da abordagem da significância da língua, o que demanda a elaboração de outros princípios e a consideração de outros aspectos teórico-epistemológicos aí implicados.

A nosso ver, a primeira via já se encontra relativamente pavimentada, pois as bases para realização de pesquisas sobre a significação, levando em consideração os planos semiótico e semântico da língua já estão lançadas e ultrapassam um modelo formalista, justamente por incluir o discurso como elemento fundamental para compreensão da estrutura e do funcionamento da significância linguística. Por outro lado, o caminho para estruturação da segunda via precisa ainda ser desbravado. As investigações sobre o discurso poético podem se situar nessa segunda via, e há muito a ser explorado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Benveniste procurou desenvolver um estudo sobre o discurso poético, tomando por base poemas de Baudelaire em “As Flores do Mal”. O estudo deveria ter sido publicado em uma edição da revista “Langages”, organizada por R. Barthes e publicada em 1968, mas não chegou a ser concluído e só foi publicado em 2008, a partir do trabalho de doutorado desenvolvido por Laplantine (2008), como já destacamos. O material que integra o chamado Dossiê Baudelaire (DB) é composto por 367 fólios com notas manuscritas de diferentes naturezas. No trabalho de tese, Laplantine (2008) apresentou as notas manuscritas em *fac simile* e procedeu a sua transcrição. Como apontado por Fenoglio (2019), o material presente no DB apresenta uma problemática considerável, decorrente, sobretudo, do inacabamento das notas manuscritas e da distância que separa suas naturezas. Nossa entrada no DB tem por intuito buscar elementos capazes de subsidiar uma investigação sobre a significância no discurso poético de João Cabral de Melo Neto.

No DB, é possível notar a preocupação de Benveniste em estabelecer a oposição entre linguagem poética e linguagem ordinária ou entre poesia e prosa, acompanhada pela tentativa de delimitação de uma categoria de análise capaz de indicar a especificidade da poética no discurso. A noção de signo é substituída pela palavra poética, com o reconhecimento das especificidades da significação que opera no interior do poema: “A palavra é para o poeta outra coisa inteiramente diferente do que para o locutor. Há uma teoria da palavra na

linguagem poética que ainda está para ser elaborada, (...).” (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008, env. 22, fº 29)².

O aspecto referencial do discurso poético é destacado como elemento que marca essa especificidade, pois distintamente do discurso ordinário, cuja referência integra a enunciação e pode remeter a objetos que lhe são externos, no poema a referência é interna. No entanto, a oposição entre linguagem poética e linguagem ordinária ou entre prosa e poesia é deslocada ou mesmo diluída à medida que a poética é tomada como um efeito discursivo. Nesses termos, sentido e referência passam a ser situados não no plano do signo, mas no plano do discurso inteiro enquanto realização de certo exercício poético: “(...) O fato de que a língua poética não tem denotação situa o problema no nível não do signo, mas do discurso inteiro, ou melhor da função do poema enquanto realização de certo exercício da língua poética. (...)” (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008, envelope 22, fl. 253).

Ao efetuar o desbloqueio da via para abordagem das dimensões da significação dos textos e obras, Benveniste se depara com o problema da delimitação de uma unidade a partir da qual seria possível abordar a significância poética, justamente pelo fato de esta se situar no plano do discurso inteiro ou da função do poema como realização da língua poética. A “poiesis” se mostra irreduzível ao poema e extrapola o plano das formas. Logo, a relação entre forma e sentido é redimensionada no interior do discurso poético. Em outros termos, a significância poética deve ser tomada como um efeito ou uma função que vai além dos limites de uma unidade como signo ou mesmo da palavra poética e decorre dos procedimentos de combinações de palavras que o poeta faz no poema. No discurso poético, sentidos e referências são criados pela escolha e arranjo de palavras.

No fólio 198, Benveniste endossa esse aspecto da significação poética, destacando que não há nenhum signo isolado que possa ser considerado específico do discurso poético. Tudo está na junção entre as palavras. Nesse sentido, a tarefa do linguista seria buscar estudar o princípio subjacente à sintagmatização realizada pelo poeta e, a partir daí, analisar as relações significantes que dela resultam:

De qualquer forma, me parece que, na poesia,

1º) Não há nenhum signo isolado que, por si só, possa ser considerado como específico para a linguagem poética ou

2 As traduções das notas do DB apresentadas aqui foram feitas por nós. As transcrições são lineares.

exercendo o efeito poético (exceto por alguns clichês “espada” “onda” “azul”)

2º) Tudo está na junção. O trabalho do poeta consiste literalmente reunir palavras em conjuntos sujeitos à medição.

3º) O linguista, portanto, tem de estudar: 1º) o princípio desta sintagmática particular . 2º) as relações significantes assim obtidas.

(BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008, env. 20, fº 4)

Nesse sentido, para Benveniste, a sintagmática particular do discurso poético mobiliza planos sucessivos de invenção e agrupamentos novos de palavras que geram um sentido poético e produzem emoção relacionada à sonoridade do verso. O efeito poético decorre justamente do modo com que o poeta combina as palavras, e esse efeito varia em função das condições criadas pelo discurso e pela experiência. Os elementos semióticos do discurso operam uma abertura a diversas possibilidades de significância, cujos limites são demarcados de acordo com a experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises a serem apresentadas não pretendem exaurir as possibilidades de leitura ou de abordagem dos sentidos nos poemas. Pela exposição feita até aqui, sabemos que não é possível significar da mesma forma por sistemas semiológicos diferentes. De igual modo, também não vislumbramos a possibilidade de decompor a malha significante do poema e restituir suas partes com nova amplitude. Cada sistema semiológico abarca uma parte da significação da linguagem e tem a propriedade de significar de modo específico. O que buscamos aqui é apreender princípios subjacentes aos procedimentos empregados pelo poeta para construção de uma sintagmática particular na qual é apresentado o seu universo de experiência.

João Cabral de Melo Neto possui um vasto repertório de obras, com características muito singulares em sua organização semiótica, na abordagem temática e no modo com que expressa a sua realidade através do poema. Sua obra é composta por inúmeros poemas voltados ao fazer poético e à linguagem. Os dois poemas aqui examinados estão presentes na obra “A educação pela pedra” (2008 [1966]), que reúne quarenta e oito poemas, dispostos em quatro partes diferenciadas tipograficamente pelas letras “(a)”, “(b)”, “(A)” e “(B)”. Desse conjunto, selecionamos apenas dois: “A educação pela pedra”, que intitula a obra, e “Catar feijão”:

A Educação pela pedra

1

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção e começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

2

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascer, entranha a alma.

Catar feijão

1

Catar feijão se limita a comescraver:
joga-se os grãos na água do alguardar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, sopranele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão inastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando o catar palavras:
a pedrada à frase se grão mais vivo:
obstrui a leitura afluviante, flutua,
açula a atenção, isca-a com o risco.

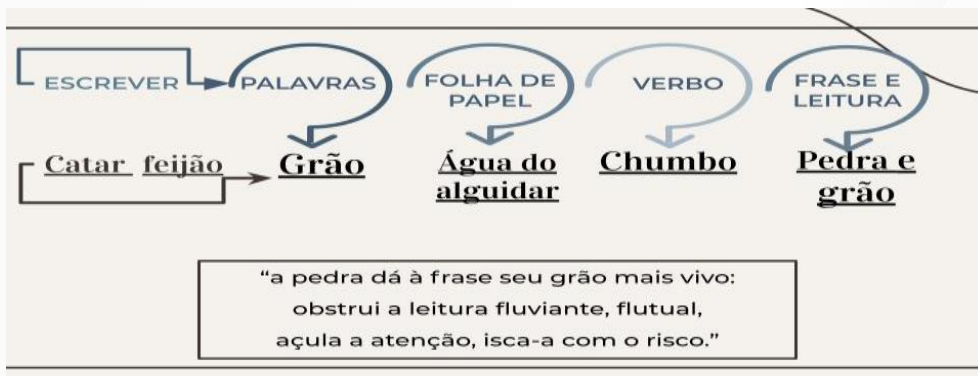
A escolha de uma palavra como “pedra” já é indicativa de uma sintagmática particular, que ressignifica termos comuns a partir de novas combinações. Em uma acepção mais usual, “pedra” remeteria ao mineral, fragmento de rocha. No poema “A educação pela pedra”, a palavra “pedra” é personificada por sua aptidão para ensinar por lições e pela vivência. São apontadas três lições dadas pela pedra: “a lição de moral, sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser maleada”, “a de poética, sua carnadura concreta” e “a de economia, seu adensar-se compacta”. Ao final da primeira parte do poema, o poeta fala de “lições da pedra, para quem soletrá-la”. Com a expressão “soletrar”, evoca-se um outro aspecto para o termo “pedra”, relacionado, agora, às propriedades da palavra. O termo também aparece no poema “Catar feijão” presente na mesma obra, mas em outra parte, sem conexão aparente com o primeiro poema.

No segundo poema, Melo Neto (2008) coloca em relação o ato de catar feijão e o ato de escrever desde o primeiro verso do poema. A aliança entre os atos é estabelecida pela expressão “limita”, que, em uma acepção bastante específica, pode remeter tanto a “comparar” ou “assemelhar”, quanto a “pôr limite”. A primeira possibilidade é corroborada na sequência dos versos do poema, nos quais são estabelecidas as analogias entre catar feijão e escrever. A segunda possibilidade ganha respaldo com os sentidos da palavra “risco”, que

aparece na segunda parte do poema. No caso de “catar feijão”, “risco” pode remeter ao traço que estabelece os limites na disposição dos grãos; já no caso de “escrever”, “risco” pode indicar traço ou rabisco. Em ambos, “risco” também evoca “perigo” ou “possibilidade”, e uma outra rede de relações é criada. Diferente do signo linguístico, cuja totalidade resulta da união de um significante a um significado, a palavra poética abre uma rede de possibilidades de associações não excludentes. No discurso poético, o princípio que rege a sintagmatização não é a uniformidade dos sentidos, normalmente efetuada pelo plano semântico da língua, e, sim, um amalgamamento que redimensiona a amplitude da significância.

No poema, as relações de correspondência entre os atos de catar feijão e escrever são feitas por associações entre elementos pertencentes às duas esferas, que se assemelham pelas relações de seleção e combinação que demandam. Ilustramos essas analogias no esquema abaixo:

Figura 01 – Ilustração das analogias no poema “Catar feijão”.



Fonte: Autoria própria.

Ao estabelecer as correspondências, o poeta amplia a dimensão significante, deixando à mostra outras possibilidades de significação a partir de novas alianças entre palavras. Fica evidente a metalinguagem da poesia cabralina, voltada tanto para a palavra quanto para o fazer poético. Após estabelecer essas relações de correspondências, Melo Neto volta a abordar a pedra nos três últimos versos do poema. Cada verso remonta a uma lição apresentada no poema “A educação pela pedra”: “a pedra dá à frase seu grão mais vivo” (lição poética, sua carnadura concreta); “obstrui a leitura fluviante, flutual” (lição de moral, a que flui e a fluir) e “açula a atenção, isca-a com o risco” (lição de economia, seu adensar-se compacta). Os sentidos de pedra, evocados no

primeiro poema, são retomados em “Catar feijão”, e redimensionados a partir das associações estabelecidas e direcionadas pela experiência. Como mineral, fragmento de rocha, a pedra é comumente encontrada entre os grãos do feijão e, nessa mesma acepção, também mantém relação com a escrita, sobretudo se considerarmos os históricos registros rupestres, a escrita cuneiforme ou hieróglifos. Assim, nessa acepção, é possível estabelecer as relações de analogia entre os atos de catar feijão e escrever.

Uma segunda possibilidade para o termo “pedra” o associa ao conceito de palavra. Basta observar os versos “lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la”, em “A educação pela pedra” ou “A pedra dá à frase seu grão mais vivo:”, no poema “Catar feijão”. Assim, “pedra” e “palavra” apresentam aspectos como concretude, contingenciamento ou resistência àquilo que flui ou a fluir e adensamento, e isso reforça a correspondência estabelecida entre catar feijão e escrever.

No caso da lição de economia, o último verso do poema “Catar feijão” apresenta em sua forma um exemplo da lição de economia tratada em “A educação pela pedra”, pois inúmeras possibilidades de sentido são postas à mostra nele. Basta observar algumas possibilidades de sentido da palavra “risco”, mencionadas acima: “possibilidade”, “perigo”, “rabisco”, “traço”. No caso da acepção de “traço”, pode indicar o limite da disposição dos grãos de feijão (no ato de catar feijão) ou o rabisco usado para escrever.

Para cada possibilidade de sentido, cria-se uma rede de possibilidades de associação e interpretação. Assim, aquilo que diz a lição de economia dada pela pedra no poema “A educação pela pedra” é exemplificado no poema “Catar feijão”. Ao observar que os três últimos versos desse poema demonstram as lições da pedra, anunciadas em “A educação pela pedra”, o próprio sentido de “pedra” é associado ao sentido de “palavra”. Ora, a significância aí extrapola também o poema, pois a restituição dos sentidos só é possível quando os dois poemas são postos em relação. Trata-se de um mecanismo particular da sintagmática desse poeta, cujo princípio se funda no estabelecimento de correspondências, e estas não estão restritas a um poema. É preciso considerar também o poeta como um plano de funcionamento da significância poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos poemas apresentados aqui, é possível verificar que a metalinguagem e as correspondências constituem importantes recursos semiológicos da sintagmática particular de João Cabral de Melo Neto. Por meio de analogias criadas em arranjos novos de palavras, a expressão da poética cabralina demanda

do leitor o estabelecimento de correspondências para apreensão do universo de sua experiência. Além disso, a sintagmática de Melo Neto (2008) faz com que o leitor se volte para a palavra, tomando-a como objeto de reflexão à medida que é levado a sair da linearidade significativa que integra os versos do poema.

Em outros termos, no plano dos poemas apresentados, o estabelecimento de correspondências e a metalinguagem funcionam como princípios de uma sintagmática particular e constituem procedimentos ou recursos semiológicos por meio dos quais o poeta demanda de seu leitor a tomada da palavra como objeto, seja para compreender as correspondências estabelecidas, seja para vislumbrar as dimensões significantes evocadas. Logo, a sintagmatização poética de Melo Neto (2008) leva o leitor a sair da linearidade significativa do discurso ordinário e desautomatizar da linguagem. Por meio das correspondências e da metalinguagem o poeta faz operar o princípio de sua sintagmática particular. A observação desses procedimentos pode servir como uma via possível para apreensão do universo de experiência do autor e permite vislumbrar uma singularização estilística em sua poesia.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É.. *Baudelaire*. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: Lambert- Lucas, 2011.

BENVENISTE, É.. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BENVENISTE, É.. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, É.. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FENOGLIO, Irène. *Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*. Organização de Valdir do Nascimento Flores, Verónica Galíndez e Heloisa Monteiro Rosário. Brasília: Editora UnB, 2019.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Interdisciplinaridade. ALEA, Rio de Janeiro, v. 10, n1, p. 29-53, jan. e jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/nTDjhCdwBqjsFGYct5ckdcd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02-10- 2014. . Acesso em: 12 de jan. 2020.

LAPLANTINE, C.. *Émile Benveniste: poétique de la théorie*. Publications e transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire. Tese (Doutorado). Ecole Doctorale Pratiques et théories du sens. Université Paris 8. Saint-Denis. 2008.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

SAUSSURE, F. [1916]. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.